



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE DESIGN-MODA

GABRIELLY AMABILY PEREIRA MAIA

ROUPA E NOSTALGIA: MEMÓRIAS AFETIVAS DE JOVENS COM SUAS
VESTIMENTAS DO INÍCIO DOS ANOS 2000

FORTALEZA

2023

GABRIELLY AMABILY PEREIRA MAIA

**ROUPA E NOSTALGIA: MEMÓRIAS AFETIVAS DE JOVENS COM SUAS
VESTIMENTAS DO INÍCIO DOS ANOS 2000**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Graduação em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelado em Design-Moda.

Orientadora: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M186r Maia, Gabrielly Amabily Pereira.
Roupa e nostalgia : memórias afetivas de jovens com suas vestimentas do início dos anos 2000 /
Gabrielly Amabily Pereira Maia. – 2023.
45 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e
Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2023.
Orientação: Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes.

1. Moda. 2. Memória afetiva. 3. Infância. 4. Estética Y2K. I. Título.

CDD 391

GABRIELLY AMABILY PEREIRA MAIA

**ROUPA E NOSTALGIA: MEMÓRIAS AFETIVAS DE JOVENS COM SUAS
VESTIMENTAS DO INÍCIO DOS ANOS 2000**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada
ao Programa de Graduação em Design-Moda da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial à obtenção do título de Bacharelado em
Design-Moda.

Aprovada em: 12/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Patrícia Montenegro Matos Albuquerque
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

A Deus.

Às memórias.

Aos meus pais e à minha irmã, Irlanda, José e
Emilly Juliana.

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Irlanda e José, os quais, mesmo diante de tantas dúvidas e incerteza, perceberem que meu sonho de cursar Design-Moda na Universidade Federal do Ceará não era pequeno. Agradeço imensamente por terem confiado que eu seria capaz mesmo diante dos meus próprios medos, e por terem feito o possível e o impossível para me proporcionar a qualidade de vida e educação que tive.

À minha irmã, Emilly Juliana, por ter me guiado pelos diversos caminhos da vida que eu ainda precisava percorrer, por ter me ajudado a prosseguir em momentos difíceis, e por ter dado risada comigo por coisas mínimas. Obrigada por ter sempre acreditado no meu maior sonho, e obrigada por ser a melhor irmã que eu poderia ter.

Aos meus amigos, todos aqueles que de alguma maneira me ajudaram a percorrer e finalizar essa jornada. Agradeço por terem colaborado com meu crescimento tanto pessoal quanto profissional. Obrigada pelas conversas sinceras e por de vez em quando me lembrarem de pausar e descansar. Certamente não teria conseguido chegar até aqui sem o apoio de vocês.

À Profa. Dra. Francisca Raimunda Nogueira Mendes, a qual, muito antes de ser minha orientadora, me proporcionou ensinamentos importantíssimos na sala de aula como professora, os quais se tornaram o pontapé desta monografia ainda na aula de Teoria da Moda, no meu 2º semestre de curso. Agradeço por sempre ter se feito presente, tirado todas as minhas dúvidas e ter estendido sua sabedoria e experiência sempre que necessário.

Às professoras participantes da banca examinadora, Profa. Dra. Cyntia Tavares Marques de Queiroz e Profa. Me. Patrícia Montenegro Matos Albuquerque pelo tempo e pelas importantes colaborações e sugestões.

Aos jovens entrevistados neste trabalho, visto que só pude chegar às conclusões que procurava graças a eles. Obrigada pelo tempo e pela colaboração prestados para a realização desta pesquisa.

Às professoras e aos professores do curso de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, por terem contribuído com a minha formação com a ajuda de seus conhecimentos e de suas sabedorias.

“Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem”
(STALLYBRASS, 1998, p. 10).

RESUMO

O presente estudo observou a conexão entre moda e memória, tendo tido como recorte de pesquisa as vestimentas infantis do início dos anos 2000 e como essa estética se reinstalou na moda atual. Através de uma pesquisa de abordagem qualitativa e natureza básica, bibliográfica e exploratória, o objetivo geral foi analisar as memórias de jovens atuais que foram crianças nos anos 2000, de acordo com as suas vestimentas da época. O trabalho foi dividido em três partes, sendo inicialmente uma análise sobre a memória nas Ciências Humanas e dos conceitos da infância ao longo da história, concluindo com um entendimento sobre a moda dos anos 2000 e as memórias de jovens adultos da cidade de Fortaleza por meio de suas roupas da infância.

Palavras-chave: Moda; Memória Afetiva; Infância; Estética Y2K

ABSTRACT

The present paper observed the connection between fashion and memory, having had as its research excerpts childrens' clothing from the beginning of the 2000s and how that fashion world's aesthetic has reinstalled itself in the present. It was possible to comprehend how the remembrance contributes to the union between today's youth with the clothes they wore in childhood. Through research of qualitative approach and basic, bibliographic, and explanatory nature, the main objective was to analyze the memories of young people that were children in the 2000s, according to their clothing from the time. The research was divided in three parts, initially being an analysis about the memory in Humans Sciences and the concepts of childhood through history, concluding with an understanding about the 2000's fashion and the memories of young adults from the city of Fortaleza through their childhood's clothes.

Keywords: Fashion; Affectionate Memory; Childhood; Y2K Aesthetic.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Destiny’s Child no Janet Jackson Event em 2001	25
Figura 2 – Cena de Meninas Malvadas, filme lançado em 2004	26
Figura 3 – Sandy & Junior em um ensaio para o álbum Internacional no ano de 2002	27
Figura 4 – Personagens (Troy e Gabriella) da trilogia de filmes High School Musical (2006)	28
Figura 5 – Elenco principal da novela mexicana Rebelde em uma sessão de fotos (2005) ..	29

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	METODOLOGIA	14
2.1	Abordagem e Tipo de Pesquisa	14
2.2	Área de Abrangência	14
2.3	Plano de Coleta de Dados	15
2.4	Categorias Analíticas	16
2.5	Tratamento dos Dados	17
3	O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE MODA, MEMÓRIA E INFÂNCIA	18
4	MODA, CULTURA E ESTÉTICA DOS ANOS 2000	24
4.1	A representação das roupas de jovens que vivenciaram os anos 2000 na infância	26
5	ROUPAS COMO DISPOSITIVO GERADOR DE MEMÓRIAS INFANTIS DE JOVENS ADULTOS DA CIDADE DE FORTALEZA	31
6	CONCLUSÃO	40
	REFERÊNCIAS	44

INTRODUÇÃO

Com o retorno da estética dos anos 2000, Laís Franciosi, graduada em moda e varejista, aponta que essa volta pode ser atribuída ao ciclo de 20 anos, no qual as modas do passado ressurgem para a moda atual (Valeri, 2023). Muito se fala sobre tendências e ciclicidade no mundo *fashion*. A moda é composta, de acordo com Bortolon (2017), por ciclos de tendências que se sobrepõem uns aos outros, os quais buscam eliminar o passado em troca de algo novo, o que acaba lhe tornando efêmera, mas também eterna.

Por mais que as tendências do mundo da moda busquem, por determinadas vezes, erradicar certos costumes de vestimenta, acessórios, dentre outros, a ciclicidade da moda fala mais alto, e muito disso se deve às memórias. Ainda segundo Bortolon (2017), as tendências revisitam o passado para que se transformem em novas criações para o presente. Por meio dessa análise, pretende-se fazer uma conexão entre as tendências de moda dos anos 2000 que voltaram a se inserir no campo da moda atualmente.

No entanto, a pesquisa aqui apresentada buscou dar foco na associação entre moda e memória afetiva, compreendendo como as lembranças fazem a roupa perdurar por mais tempo não por meio das tendências de moda em si, mas pela conexão entre a vestimenta e quem a veste. Ao realizar este trabalho, espera-se que as discussões levantadas fortaleçam o estudo sobre as memórias afetivas em relação às roupas para a geração de jovens que nasceram entre 1995 e 2002, a qual cresceu no início dos anos 2000 e as usaram enquanto crianças, ampliando as pesquisas de autores que focaram em estudar sobre esses temas, como Stallybrass (1998), Silveira (2018) e Ferreira e Arantes (2021).

Como objetivo geral, tem-se a possibilidade de analisar as memórias infantis dos jovens que foram crianças nos anos 2000 com as suas vestimentas, com o intuito de compreender a criação e permanência de memórias em relação à roupa.

Como objetivos específicos, procurou-se compreender a relação entre moda e memória; entender a relação entre memória afetiva causada pelas roupas do início dos anos 2000 e os jovens que as vestiram em sua infância; analisar como as memórias em relação às roupas dos anos 2000 são levadas em consideração pelos jovens dos dias de hoje, e até mesmo o que isso influencia sobre a forma como se vestem no presente; e verificar se há existência de sentimentos afetivos relacionados às roupas por tais jovens em relação às suas memórias.

As memórias são lembradas por todos as pessoas. Elas não só servem para trazer lembranças, como muitas vezes, para manter a sociedade próxima de aspectos importantes referentes ao passado. As memórias não vão embora, e muito menos as roupas que remetem a

elas deveriam ir. Por isso, através deste trabalho, obteve-se um alcance no que tange um maior entendimento sobre as memórias e como elas estão presentes na vida de vários jovens que viveram sua infância no início dos anos 2000, através dessa observação perante as roupas usadas nessa época.

Diante disso, foi necessário que fosse realizado um estudo sobre as roupas escolhidas, e o que elas significam para essas pessoas no que concerne à memória afetiva. Necessitou-se, assim, ouvir sobre as histórias de vida e entender como a roupa pode ser uma forma de memória.

Dessa forma, almejou-se contribuir para que esse formato de estudo na área da Moda pudesse se expandir, com foco na possibilidade em ampliar os estudos teóricos sobre moda e memória em âmbito científico. Além disso, foi necessário compreender sobre as emoções relacionadas à essas memórias ligadas às roupas, buscando entender o porquê alguns jovens levam essas memórias em consideração quando pensam em guardar ou até mesmo se desfazer de certas roupas.

Dessa maneira, esse é o diferencial deste estudo, já que no âmbito da pesquisa acadêmica, o estudo sobre a relação entre memórias afetivas relacionadas às roupas de uma época específica geralmente não ganha muita visibilidade. Neste caso, ao analisar as roupas específicas de jovens que viveram a infância no início dos anos 2000, há um recorte para o que se pretendia pesquisar, o que aumentou a possibilidade de compreensão sobre o processo de guardar esse tipo de memória – no caso, infantil -, no que se refere à contribuição científica e social que as roupas são capazes de proporcionar.

Por meio deste trabalho, análises foram feitas em relação ao assunto da infância vivida no início dos anos 2000 e lembranças mantidas dessa época através das roupas utilizadas por essas crianças, as quais, hoje, são jovens adultos. Neste estudo, há três capítulos, nos quais tratam sobre a definição de memória e infância nas ciências humanas, a moda e a estética nos anos 2000, além de haver um subcapítulo que fala sobre a representação das roupas de jovens que vivenciaram o período da infância no início dos anos 2000. Um outro capítulo é o de análise de dados que revela as respostas às perguntas da entrevista com jovens que viveram o período da infância no início da década de 2000, realizada em janeiro de 2022.

Sendo assim, procurou-se analisar por meio desta pesquisa, a relação criada entre jovens que hoje têm entre 21 e 28 anos com suas roupas de infância, apresentando uma abrangência da geração que vivenciou essa fase da vida no início da década de 2000, com a possibilidade de analisar suas diferentes vivências de acordo com a idade que tinham na época. Pensando em entender quais são as memórias mantidas por meio do uso de roupas utilizadas no período

infantil, diante da época analisada, buscou-se compreender o relacionamento que esses jovens adultos foram capazes de criar com suas roupas no decorrer de suas jornadas.

2 METODOLOGIA

2.1 Abordagem e Tipo de Pesquisa

Este estudo é uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza básica, com objetivo bibliográfico e exploratório. A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produções culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais – que descrevem momentos e significados rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, na esperança de sempre conseguirem compreender melhor o assunto que está ao seu alcance (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Já sobre a pesquisa básica, esta tem como objetivo principal o avanço do conhecimento científico, sem nenhuma preocupação com a aplicabilidade imediata dos resultados a serem colhidos (APPOLINÁRIO, 2011, p. 146). No que tange a pesquisa bibliográfica, esta é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos (GIL, 2002, p. 44). Ainda de acordo com o autor, as pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses (GIL, 2002, p. 44).

Diante disso, capturou-se a essência do estudo em questão através de uma análise bibliográfica, além de entrevistas estruturadas realizadas com jovens que tenham vivenciado o período da infância no início dos anos 2000, para a realização da parte qualitativa da pesquisa. Sendo assim, foi desenvolvido um estudo preenchido pelas histórias de jovens que tenham um apego ao momento à essa infância, fortalecendo o conhecimento sobre as memórias dessas pessoas e como elas se conectam com as roupas utilizadas na época mencionada.

2.2 Área de Abrangência

Como universo da presente pesquisa, os sujeitos que foram selecionados estiveram necessariamente envolvidos com o tempo especificamente estudado aqui, sendo, nesse caso, o início dos anos 2000, para uma melhor análise entre a relação que esses jovens em questão têm com as roupas utilizadas por eles enquanto crianças que vivenciaram esse momento em questão.

O tipo de amostra escolhida foi a probabilística, a qual segundo Mattar, F. (1996, p. 132) consiste naquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo. As pessoas aqui selecionadas para entrevista estão na faixa etária de 21 a 28 anos, visto que esse recorte abrange a geração que vivenciou a infância no início dos anos 2000, com exemplos de pessoas que experienciaram o início e outras que viveram os últimos anos da infância nessa mesma década, existindo, então, uma possibilidade de análise das suas vivências de acordo com a faixa etária que tinham naquela década. Dentre eles, há pessoas tanto do gênero feminino e masculino, todos residindo em diferentes bairros da cidade de Fortaleza, Ceará no atual momento de realização do trabalho.

2.3 Plano de Coleta de Dados

As etapas de realização da pesquisa foram: A - **Pesquisa bibliográfica específica e documental** – através de uma seleção e escolha das principais referências bibliográficas, revistas, sites e periódicos sobre a relação entre as memórias e a moda específica do início dos anos 2000, feita entre os meses de maio de 2021 e maio de 2023; B – **Levantamento de dados** - por meio de cinco entrevistas não-estruturadas, realizadas em janeiro de 2022 com jovens que vivenciaram a infância no início dos anos 2000, na faixa etária de 21 a 28 anos, com o intuito de entender a relação entre suas memórias com as roupas que utilizaram na época em questão; e C – **Tratamento dos dados** - codificação, análise de conteúdo e interpretação dos dados (BARDIN, 1977), realizados entre outubro de 2021 e maio de 2023.

2.4 Categorias Analíticas

Representando este trabalho, as palavras-chave que foram escolhidas foram: Moda, Memória Afetiva, Infância e Estética Y2K¹. Dessa maneira, é preciso compreender os conceitos de cada uma das palavras que categorizam a pesquisa aqui apresentada.

Ao pensar no que pode definir moda, Baldini (2006, p. 34) afirma que ela é fruto do amadurecimento da afirmação do eu, da valorização social do indivíduo e da sua personalidade. Sendo assim, esta pesquisa analisou o que as roupas da infância, período esse vivenciado há 20 anos ou mais para os jovens de hoje, afirmam sobre as pessoas que se tornaram e como se relacionam com a moda dos dias atuais, levando em consideração suas memórias afetivas com o que vestiam enquanto crianças, visto que a estética da época voltou a ser atual na moda do presente.

Portanto, caracterizando a memória afetiva, Pomian (2000, p. 507) apresenta uma análise que permite afirmar que “toda a memória é em primeiro lugar uma faculdade de conservar os vestígios do que pertence já em si a uma época passada.” Diante dessa visão, as memórias afetivas que foram analisadas nessa pesquisa, sendo estas todas de acordo com as roupas usadas na infância de uma determinada época, foi com a intenção de analisar o que foi possível conservar de forma afetiva na relação que os jovens têm com a época de sua infância diante do que costumavam vestir, e como isso permanece afetando na maneira que têm de se vestirem e na sua relação com as tendências de moda que hoje tendem a se assemelhar com o estilo da época, devido ao fenômeno da ciclicidade no universo *fashion*.

Perante isso, cabe analisar o que define a infância. A palavra ‘infância’ em si, de acordo com Maia (2012), é derivada do latim, significando ausência de fala e uma existência de dependência. Essas características se aplicam a realidade da infância, considerando que, por diversas vezes, a criança não apresenta uma abertura dada pela sociedade para a sua fala e para sua personalidade em desenvolvimento, além da dependência intrínseca dessa parte da vida, visto que a criança é um ser dependente dos adultos ao seu redor.

Diante desse universo, torna-se necessário caracterizar os anos 2000 diante da estética Y2K presente em diversos aspectos, porém cientificamente analisados no que tange à Moda. Pereira (2017, p. 19) compreende que a era Y2K foi um período que deu início no final da década de 1990 e início da década de 2000, sendo um momento marcado pela globalização

¹ Estética correspondente à década dos anos 2000, em especial no mundo da moda, podendo ser citados como exemplos a calça de cós baixo, minissaias, cropped, regatas, vestidos usados juntamente com calças jeans, dentre outros.

tecnológica e avanços nos meios da comunicação, caracterizando-se pela presença de elementos futuristas nas indústrias no geral, incluindo a moda.

Sendo assim, o enfoque dado neste trabalho ao início dos anos 2000 pôde levar em conta como os jovens de hoje vivenciaram a época da infância nesse período diante das roupas que usavam, e como as memórias afetam essa visão desse momento em suas vidas. Não somente isso, também foi possível analisar como essa estética volta a ser tendência nos dias atuais, não somente como algo factual, mas também de acordo com a compreensão das visões pessoais dos jovens que foram entrevistados para essa pesquisa.

2.5 Tratamento dos Dados

Como metodologia de pesquisa, para a análise dos dados obtidos, utilizou-se a Análise de Conteúdo, a qual segundo Carlomagno (2016), se destina a classificar e categorizar qualquer tipo de conteúdo, reduzindo suas características a elementos-chave, de modo com que sejam comparáveis a uma série de outros elementos.

Os dados que foram obtidos nesta pesquisa foram analisados nesta perspectiva metodológica. A análise de conteúdo foi realizada ao longo de um ano e sete meses, entre outubro de 2021 e maio de 2023. O material produzido nas entrevistas foi analisado, gerando os diversos documentos que permitiram o presente estudo.

3 O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE MODA, MEMÓRIA E INFÂNCIA

As roupas são responsáveis por memórias devido ao cheiro, ao suor, a forma e assim por diante (STALLYBRASS, 1998). Segundo o autor, pensar sobre roupas é também pensar sobre memórias. Portanto, é cabível dizer que a memória é intrínseca da roupa, uma vive dentro da outra, e vice-versa. Ainda caracterizando a memória, de acordo com Pierre Nora (1993):

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Diante de um mundo composto por pessoas, as quais, segundo Bauman (1999), são consideradas parte de uma sociedade líquida, e que de acordo com Lipovetsky (1987), tendem a se desfazerem de valores materiais e até mesmo emocionais mais rápido do que o que se era visto em tempos passados, cabe aplicar tal pensamento perante o relacionamento humano com suas roupas, em decorrência de suas memórias criadas com essas, e analisar como isso se aplica na atualidade. A humanidade está se desfazendo de tais memórias com suas roupas mais rápido agora que vive tão “liquidamente”? (BAUMAN, 1999).

De acordo com Silveira (2018), a roupa, além de fazer lembrar algo, também possui a sua própria carga histórica por ter estado presente no momento vivido pela pessoa que a vestiu. A sociedade é formada por indivíduos que experienciam momentos que moldam cada um conforme vivem. Mesmo que a infância seja um momento do qual as pessoas não se lembrem muito bem conforme envelhecem, as memórias atadas às roupas usadas na época são capazes de lhes transportar para tal momento. É cabível pensar que, de certa forma, as roupas que estavam a cobrir o corpo em um momento como a infância, também foram capazes de experienciar o momento em questão.

Diante disso, já que as roupas participam de diversos momentos conosco, servem como demarcação da memória (FERREIRA; ALMEIDA, 2021). As vestimentas usadas para cobrir o corpo humano no passado não somente serviram para lhes proteger, mas também atuam como elementos participativos de momentos vivenciados por esse mesmo corpo. Dessa forma, “ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem” (STALLYBRASS, 1998, p. 10).

No que tange ao campo de pesquisa referenciado à memória e a moda através dos estudos de autores como Stallybrass (1998), Silveira (2018), Ferreira e Arantes (2021), os quais falam especificamente da importância do papel que a roupa tem diante das memórias que se constroem enquanto o corpo a veste, muito é discutido sobre a maneira como a memória pode

ser afetiva. Porém, torna-se necessário que outras épocas, como o início dos anos 2000, sejam estudadas, de forma que levem em consideração essas memórias afetivas em relação às roupas usadas e, muitas vezes, guardadas e, assim por diante, haver uma continuação de estudo sobre como essas memórias se formam e se mantêm em relação à infância vivida na época anteriormente mencionada.

Por mais que seja mais comum que haja publicações de blogs e afins sobre as tendências de moda dos anos 2000 que ressurgem anos depois do seu surgimento, ainda é escasso o número de pesquisas brasileiras sobre o assunto específico de roupas que tragam memórias a seus jovens donos quando pensam no início dos anos 2000. Diante dessa escassez no mundo acadêmico, ainda resta espaços a serem ocupados, especialmente pelas próprias análises de jovens, afinal: “A juventude contemporânea tem ganhado espaço na sociedade, pois os jovens estão inseridos em um espaço de sociabilidade e vivem em um processo de formação.” (FERNANDES, 2015, p. 22234).

Ao estar aberta à dialética da lembrança e do esquecimento (NORA, 1993), a memória se coloca no papel de ser algo que pode tanto ser lembrado, quanto esquecido com facilidade. No entanto, quando essas memórias são reforçadas através dos sentidos, especialmente nesse caso, o do tato, ao tocar e vestir - e revestir o corpo - com as roupas que são relacionadas a elas, fortalecem-se essas memórias.

De acordo com Carvalho (2012, p. 13), “o termo memória se origina do latim, que quer dizer: faculdade de reter e/ou readquirir ideias, imagens, entre outras coisas que foram em outro momento conhecidas, e que, portanto, nos remetem às lembranças.” Portanto, a memória torna-se uma condição de sobrevivência que remete sobre diferentes momentos da vida.

Sendo assim, adquirindo experiências vivenciadas no decorrer de cada trajetória de vida pessoal, torna-se capaz de memorizar não somente os acontecimentos, como também aquilo que cerca a sociedade, como é o caso das roupas que vestem as pessoas quando esses momentos acontecem.

Ao enxergar as roupas por meio dessa ótica, como construtoras e mantedoras de memórias, vale ressaltar o real papel que elas têm para quem as veste. Afinal, mais que adquirir a forma ou o cheiro do corpo, as roupas podem vir a ser parte da imagem, ou mesmo uma parte de quem a veste no imaginário dos que a cercam (SANTOS, 2017). Sendo assim, não somente a memória vai se conectar com as roupas, como também conectará as pessoas com aqueles ao seu redor, a sociedade à qual faz parte. Portanto, as memórias vão sempre servir como

elementos conectivos com o passado. Porém, a roupa serve como um outro elemento que conecta o indivíduo com suas memórias.

De acordo com Fabricio Roncca (2019), em uma postagem em seu blog² de mesmo nome, a memória afetiva nos faz recordar de algo que, mesmo que não seja complexo ou sobre um grande acontecimento, de fato, nos enche de alegria, amor, saudades e outros bons afetos. Portanto, quando se pensa sobre a memória afetiva, e aquilo que serve como gatilho para essas memórias, - como é o caso da roupa -, seu papel é essencial para compreender a correlação entre Moda e Psicologia, por exemplo.

Sendo assim, carrega-se com cada ser humano os sentimentos que são despertados através daquilo que vestem, mas que também em algum dia já os vestiu. A memória afetiva remete a momentos que marcaram a vida de alguém diante de sua trajetória, trazendo à tona recordações das quais, por vezes, não se lembram até que algo os relembre, como é o caso das roupas. A moda passa, então, a ter esse papel psicossocial, e isso está intrínseco nas vestimentas desde a primeira que vestem o corpo após o nascimento, até o leito de morte.

Mas, como se pode compreender de uma melhor forma essa conexão entre a moda e as memórias? Segundo Carvalho (2012, p. 18), “Ao pensar memória afetiva, não se trata apenas do que me lembro, mas também dos motivos que me fazem lembrar. É a memória carregada de sentimentos.” Os motivos que fazem alguém lembrar pode partir de diversas ocasiões, objetos, situações, e afins, portanto, a roupa serve como esse motivo. Torna-se possível, então, compreender as diferentes nuances da memória infantil carregada pelo ser humano ao olhar suas roupas de épocas passadas, como a própria infância.

Diante disso, torna-se possível revisitar momentos da vida através do que já foi vestido em determinado momento. No que se refere às roupas da infância, com o passar do tempo, a ação de vestir uma mesma peça dessa época é algo impossível de se fazer na vida adulta, devido ao crescimento do corpo. No entanto, pode-se recordar os momentos vividos e as experiências tidas nesse momento da vida diante do que se vestia naquele período. Portanto, ao se discutir sobre esse fenômeno, têm-se a possibilidade de realizar uma análise em relação às memórias e sua relação com a moda.

Ao analisar a palavra ‘infância’, etimologicamente originária do latim, significa ausência de fala, e ainda dependência (MAIA, 2012). Visto essa característica da “ausência de

² **O poder da memória afetiva no design.** Fabricio Roncca, Fabricio Roncca, Londrina, 20 de novembro de 2019. Disponível em: <http://roncca.com.br/pt/blog/o-poder-da-memoria-afetiva-no-design/>. Acessado por último dia: 07 de dezembro de 2021.

fala”, é cabível mencionar o seguinte trecho, no qual Lajolo (2006) trata da infância e a questão do ato de falar, no qual diz:

[...] por não falar, a infância não se fala e, não se falando, não ocupa a primeira pessoa nos discursos que dela se ocupam. E, por não ocupar esta primeira pessoa, isto é, por não dizer eu, por jamais assumir o lugar de sujeito do discurso, e, conseqüentemente, por consistir sempre em ele/ela nos discursos alheios, a infância é sempre definida de fora (LAJOLO, 2006, p. 230).

Diante da menção de Lajolo (2006), vê-se a consequência trazida pela terminologia, o que carrega um fator maior em relação a como, muitas vezes, as crianças são tratadas. Como simplesmente seres incapazes de agir, falar, e assim por diante.

Nos séculos passados, até o fim do século XVIII, o período infantil vivido na época não costumava ter um entendimento específico, já que as crianças não eram entendidas como seres vivenciando sua própria faixa etária individual, a qual tem diversas diferenças da vida adulta, sendo assim:

As crianças eram apresentadas e representadas como adultos em miniatura, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos. Elas não tinham um tratamento diferenciado, nem um mundo próprio, pois não existia neste período, o chamado sentimento de infância (PELOSCO, 2013, p. 24952).

De acordo com Barbosa (2008, p.3), “[...] a criança era tida como uma espécie de instrumento de manipulação ideológica dos adultos e, a partir do momento em que elas apresentavam independência física, eram logo inseridas no mundo adulto.” Portanto, a ideia de a infância ser considerada um tempo da vida específico com suas individualidades não era, ainda, compreendido da mesma forma como é hoje.

Portanto, visto que até o fim do século XVIII, não existiam crianças caracterizadas por sua expressão particular, sendo retratadas então como homens de tamanho reduzido (CALDEIRA, 2008, p. 3). Logo, não era necessário para os adultos da época dar importância à infância e o que essa fase da vida realmente significa.

Ainda sobre a visão do período de vida que se considera como infância, pesquisadores afirmam que “as crianças receberam diferentes representações ao longo da história da humanidade, a depender das diversas significações a elas destinadas; o significado à criança é dado pela representação que o adulto dá a ela em suas relações.” (SOUZA; SOBRINHO; HERRAN, 2017, p. 117). Diante disso, no passado, as crianças necessitavam de uma predefinição sobre elas dada pelos adultos ao seu redor.

Logo, tem-se que “a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança na comunidade.” (SOUZA; SOBRINHO; HERRAN, 2017, p. 117). Somente quando nuances da sociedade

passam a mudar, é que a infância se torna conhecida pelo que é até os dias atuais, tendo características específicas para essa fase da vida, levando em consideração a individualidade das crianças.

Portanto, a questão de ter uma infância conhecida como de costume dos dias atuais é algo bem mais recente do que se costuma imaginar. No entanto, conforme o tempo passou, essa “definição” de infância foi mudando, conforme Peloso (2013, p. 24954) afirma que “entretanto, na Modernidade a concepção de criança começou a ser modificada. Os pais começaram a preocupar-se com a Educação das crianças e a elas proporcionar um ‘mundo’ próprio.”

Ou seja, viu-se a infância como um período em que se tinha direito à educação, à família, ao lazer, ao lar, à saúde, dentre outros. No decorrer do tempo, a criança começou a ser reconhecida como um indivíduo social, inserida dentro da coletividade (PELOSO, 2013, p. 24955). Porém, como a autora mesmo menciona, em muitos momentos históricos, a criança não é pensada e compreendida como ser ativo e transformador da sociedade, ou seja, como sujeito social.

Quando o conceito e entendimento de infância passa por essa mudança, as crianças passam a ser compreendidas de maneira diferente. De acordo com esse novo conceito, a seguinte explicação é cabível:

É preciso considerar a infância como uma condição da criança. O conjunto de experiências vividas por elas em diferentes lugares históricos, geográficos e sociais é muito mais do que uma representação feita por adultos sobre esta fase da vida. É preciso conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, localizá-las nas relações sociais, etc., reconhecê-las como produtoras de história (KUHLMANN JUNIOR, 2007, p. 30).

Portanto, a criança passa a ser considerada uma verdadeira criança, diante das suas próprias vivências e experiências tidas na infância. Ela se torna capaz de participar da sociedade, de fazer parte da história junto com todos os outros seres-humanos.

Diante da definição de pesquisadores sobre a infância em termos nacionais, "temos ao longo de dez ou doze anos – período que se constitui a infância de um indivíduo no Brasil – que nos submeter a uma gama de aprendizagens que permitirão a existência social em um determinado grupo." (SARAT; CAMPOS, 2017, p. 1261), fazendo possível com que seja compreendido que, somente através das aprendizagens que se adquirem conforme o ser humano cresce, é que se é capaz de participar da sociedade a qual se está inserido como criança. No entanto, todas as aprendizagens que conseqüentemente são possíveis de adquirir durante a

infância, são futuramente guardadas como memórias, lembranças que constituem o menor como pessoa.

Desse modo, Escudeiro (2011, p. 11) afirma que “sem memória, não existe história.” Graças às memórias afetivas que são criadas na infância, é possível construir a própria história, aquela que combina com cada pessoa e faz parte da vida individual de cada um. Portanto, as lembranças que existem do tempo da infância permanecem sendo importantes para que cada indivíduo continue a se conhecer melhor conforme envelhece.

4 MODA, CULTURA E ESTÉTICA DOS ANOS 2000

Ao pensar moda, há muitas definições a respeito de seu entendimento. Uma parcela da sociedade pode pensar que ela se remete somente ao que se está sendo considerado famoso no momento, às roupas que estejam sendo utilizadas por celebridades e assim por diante. No entanto, moda não é apenas vestir, é um conjunto de informações que orientam costumes e comportamentos e variam no tempo e na sociedade (STEFANI, 2005, p. 11). Portanto, esse conjunto de informações que orientam aquilo que se costuma fazer como pessoa, no entanto variam conforme o tempo passa e novas características se formam na sociedade à qual pertence, é a verdadeira definição de moda que caracterizam o indivíduo.

Em suma, somente ao ver os costumes de cada um, sendo nesse caso a maneira como alguém se veste, é possível compreender sua identidade. A moda se torna um formato de comunicação entre as pessoas, por meio da qual elas podem se expressar através do que vestem.

Quando se discute sobre a moda e estética dos anos 2000, em primeiro lugar, é necessário que haja um breve entendimento sobre suas origens. Diante das inspirações tidas pelos designers da época, é admissível ver como o papel das tendências fortaleceu os ditames da moda daquele momento.

Visto que a moda é cíclica, tudo que já foi tendência, - ou nesse caso estética -, já foi moda. No entanto, por mais que isso desapareça por um tempo, termina retornando para as prateleiras algum tempo depois. Isso segue acontecendo, e esse fenômeno não deixou de acontecer no início da década de 2000, cabendo aqui citar André Carvalhal (2016) quando diz:

Quando olhamos para o passado da moda, podemos identificar ciclos de estilos, que de alguma forma representavam o espírito de determinado tempo. Mas desde o início dos anos 2000, a moda tem se inspirado muito em décadas anteriores, revisitando e recriando estilos (CARVALHAL, 2016, p. 20).

Como Carvalhal (2016) mesmo menciona, o que se considerava moda antes era, de certo modo, mais original, trazendo elementos que hoje são identificados com facilidade como pertencentes à determinada década. No entanto, é a partir dos anos 2000 que as tendências se mesclam de modo mais predominante, visto que se adentra um novo século e possivelmente havia um desejo por parte da sociedade de relembrar os tempos anteriores.

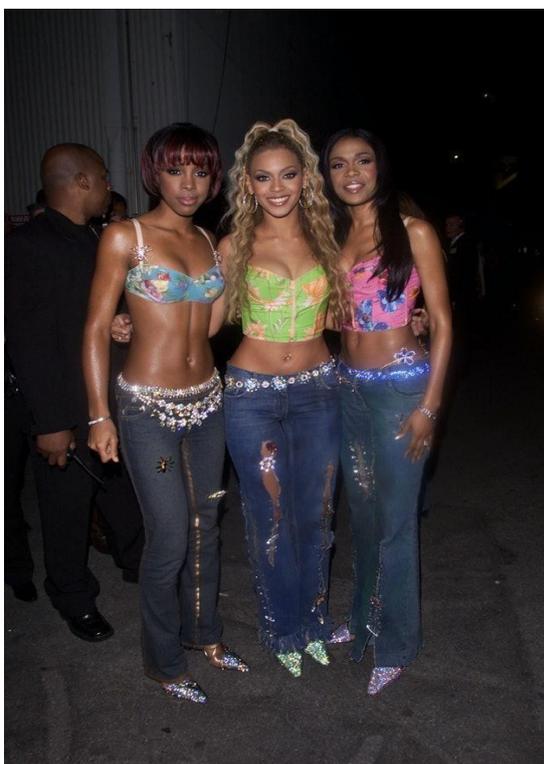
Desse modo, a estética conhecida como Y2K [Y (*year/ano*) 2 (dois) K (mil)] tornou-se um misto de tendências. De acordo com Mathilde Misciagna, escritora para a Vogue Portugal³, tal estética surgiu no final da década de 1990, quando as pessoas temiam e antecipavam com

³ MISCIAGNA, Mathilde. **Fantasia 2000**: o que é a estética Y2K? Vogue Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.vogue.pt/tendencia-y2k-o-que-e>. Acessado por último em: 07 de novembro de 2021.

alegria o surgimento da tecnologia. Com isso, adentra-se os anos 2000 com diversas especulações, partindo desde as novas tecnologias esperadas até o possível fim do mundo.

Quando se fala sobre referências desses anos iniciais da década de 2000, tendências de moda se basearam em revistas de moda, filmes e séries televisivas, e até mesmo da maneira como os artistas costumavam estar vestidos no seu dia a dia. Como exemplos marcantes do que foi mencionado anteriormente, têm-se *Destiny's Child*, ou até mesmo o momento em que *Beyoncé* seguiu carreira solo, *Britney Spears*, *Jennifer Lopez*, *Christina Aguilera*, *Mariah Carey*, *Rihanna*, além dos exemplos masculinos como *Backstreet Boys*, *Nsync*, - ou o momento em que *Justin Timberlake* segue carreira solo, - *JAY-Z*, *Usher*, entre outros.

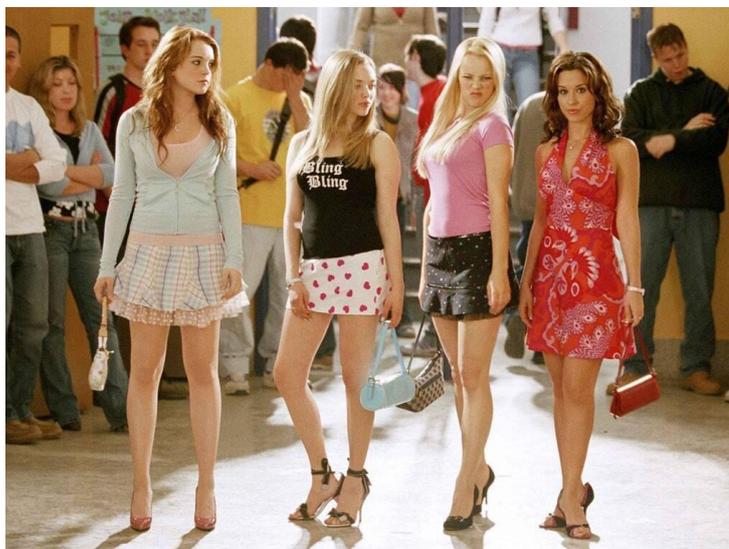
Figura 1- *Destiny's Child* no *Janet Jackson Event* em 2001



Fonte: Bustle (2001)

Como exemplos de filmes e séries que fizeram com que a estética Y2K prosperasse para o público e criasse neles o apego de se vestirem da mesma forma que os personagens, têm-se *Sex and the City*, *Meninas Malvadas*, *Legalmente Loira*, *Gilmore Girls*, dentre outros. Todos esses serviram para que a moda pudesse se apropriar desse novo momento através dessa estética que, mesmo trazendo outros elementos, como os dos anos 1990, fortaleceu suas próprias características.

Figura 2 - Cena de Meninas Malvadas, filme lançado em 2004



Fonte: E!Online (2004)

Todos esses exemplos já mencionados partem desde as vestimentas de cantores até os figurinos de personagens de filmes e séries televisivas, os quais se apresentavam como forma possível das pessoas se vestirem no dia a dia. Mesmo que fosse improvável de, por vezes, consumir as mesmas peças de roupas que os grandes artistas vestiam, essas mesmas peças serviam como inspiração para que as pessoas, e aqui o foco se direciona às crianças da época, se vestissem de forma semelhante às estrelas da música e atuação.

4.1 A representação das roupas de jovens que vivenciaram os anos 2000 na infância

Ao falar sobre memória afetiva da época da infância, em relação às roupas usadas nesse momento da vida, muitos relacionam as roupas que usavam na infância, retratando o momento vivido, com os resquícios de que ainda restam (SILVEIRA, 2018, p. 6). Assim, essas memórias de momentos vividos há tanto tempo só são recobradas pela mente através de objetos como as roupas, portanto, seu papel é crucial para obter compreensão sobre como se é capaz de manter essas memórias mesmo após processos como o crescimento e envelhecimento como pessoas.

Ao pensar sobre a função que o objeto tem em recobrar essas memórias da infância, pode-se relacioná-la a qualquer objeto, como: “[...] objetos domésticos são usados para aludir e refletir os momentos-chave da vida de um indivíduo: eles servem como “dispositivos de contar histórias” (HOSKINS, 1998, p. 4, tradução nossa).

No entanto, ao referenciar a roupa como tal objeto, têm-se diferenças relacionadas à atribuição dada à essa roupa, a qual ela passa a exercer como conector entre as pessoas e suas

memórias do passado. Afinal, muitos episódios que acontecem na vivência da infância são “episódios-chave” que envolvem os sentidos, as sensações, os afetos e as sensibilidades, enfim, tudo aquilo que configura, até hoje, a essência do mundo afetivo, sentimental e cognitivo (IZQUIERDO, 2004, p. 13).

Já que esses “dispositivos de contar histórias” (HOSKINS, 1998, p. 4, tradução nossa), existem para fortalecer a relação existente com o passado, e as roupas podem ser consideradas exemplos desses dispositivos, elas são capazes de fazer alguém refletir e lembrar momentos de seu passado, seja ele distante ou recente, mas nesse caso, também serve para fazer reviver suas memórias afetivas da infância.

Diante do que costumava ser a moda infantil no início dos anos 2000, apresentam-se influências da moda adulta que transformavam a moda infantil em algo semelhante. Com figuras femininas e masculinas que inspiravam as pessoas a se vestirem de forma parecida, têm-se exemplos como *Britney Spears*, *Beyoncé*, *Paris Hilton*, *Justin Timberlake*, entre outros. No entanto, no Brasil, figuras famosas que influenciaram até mesmo na moda infantil foram artistas como *Wanessa*, *Sandy & Júnior*, *Kelly Key*, o grupo musical *KLB*, dentre outros.

Figura 3 – *Sandy & Junior* em um ensaio para o álbum *Internacional* no ano de 2002



Fonte: Extra (2002)

Não somente cantores influenciaram a moda infantil da época em questão, como também atores internacionais e nacionais. Desde as vestimentas usadas em filmes anteriormente

mencionados, como *Meninas Malvadas* (2004), *Legalmente Loira* (2001), até filmes lançados pela *Walt Disney Studios*, como a famosa trilogia de musicais *High School Musical* (2006; 2007, 2008), *A Nova Cinderela* (2004), dentre outros, moldaram a infância de muitos ao ligar a televisão e se inspirar no que os atores vestiam.

Figura 4 – Personagens (Troy e Gabriella) da trilogia de filmes *High School Musical* (2006)



Fonte: *Oh My Disney* (2006)

No que tange às crianças brasileiras em específico, tinham-se outras oportunidades de inspiração além de exemplos europeus e norte-americanos, como é o caso das novelas, desde as brasileiras às latino-americanas, como *Rebelde* (2004), edições da novela *Malhação* transmitidas no início da década de 2000, *Floribella* (2005), dentre outras que inspiravam as crianças a se vestirem de acordo com o que os personagens usavam, ou até mesmo os atores dessas novelas vestiam no seu dia a dia fora de cena.

Figura 5 – Elenco principal da novela mexicana Rebelde em uma sessão de fotos (2005)



Fonte: RBD Fotos (2005)

Portanto, a infância vivida no início dos anos 2000 teve diversas figuras públicas que serviram como exemplos de moda, que conseqüentemente difundiam tendências de acordo com as vestimentas e acessórios que utilizavam, e inspiraram as crianças da época.

Sendo assim, a roupa se apresenta através das tendências. Diante da sua relação com as tendências, que conseqüentemente influenciam no que está ou não sendo considerado “moda”, cabe aqui compreender como se caracteriza a moda no quesito de vestimentas diante do que muda ou permanece sendo considerado como tendência com o passar dos anos, visto que:

A moda é caracterizada por ser de carácter cíclico, assim como tendo uma forte componente de mudança que opera a par das alterações de mentalidade do seu tempo, produzindo transformações no vestuário, e em outros objetos, e no modo como os indivíduos se relacionam entre si. Ela recicla-se e reinventa-se de modo incessante e interminável, funcionando num amplo conjunto de códigos que contextualizam os seus significados numa determinada esfera espaciotemporal. O vestuário em si, desprovido do espaço e do tempo que contextualizam o indivíduo num determinado período temporal, não pode ser visto nos parâmetros do fenómeno da moda (GOMES; LOPES; ALVES, 2016, p. 6).

Ao analisar os pensamentos dos autores, entende-se que a moda necessita de contexto para ser verdadeiramente compreendida. Visto que ela é capaz de se modificar, é preciso compreender que isso depende tanto do espaço quanto do tempo em questão. Em síntese, a moda caracterizada como de estética “Y2K”, ou do início da década de 2000, passa a ser tendência para os dias atuais, mais de vinte anos depois, visto que o espaço-tempo como o Brasil no ano de 2020 adiante, tem procurado trazer essa estética de volta para a moda.

Nesse sentido, de acordo com a influência que novelas e filmes do início dessa década tiveram nas vestimentas das crianças do começo dos anos 2000, torna-se possível que os jovens dos dias de hoje possam experimentar novamente a mesma estética de moda de sua infância, além de revisitar as lembranças daquele momento, podendo, no entanto, criar memórias atuais que ressignificam as peças de roupa e a estética em si, visto a existência de uma difusão dessa imagem nas redes sociais do tempo presente.

Através dessas lembranças, o ato de reviver a infância por meio da memória se torna essencial para que as pessoas continuem o processo de autoconhecimento durante a vida, já que o esquecimento produz o deixar de existir, enquanto a lembrança carrega o potencial da existência (FERNANDES; PARK, 2006, p. 40). Desse modo, para que não se perca essa essência, o presente faz um convite para recordar o passado da vida.

5 ROUPAS COMO DISPOSITIVO GERADOR DE MEMÓRIAS INFANTIS DE JOVENS ADULTOS DA CIDADE DE FORTALEZA

Nesta parte do trabalho, foi abordado o processo escolhido para levantamento dos dados de campo, desenvolvido através de entrevistas por meio do serviço de comunicação digital WhatsApp, realizada em janeiro de 2022 com cinco jovens residentes da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, sendo três estudantes de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, e duas pessoas não relacionadas à profissão de Moda. Dentre essas pessoas, duas preferiram não ser identificadas e, portanto, houve uma decisão para padronizar as entrevistas e dar codinomes a todos os entrevistados.

A coleta de dados foi feita pelo aplicativo WhatsApp, tendo as respostas sido obtidas por duas formas de mensagem: áudio ou texto, sendo em sua maioria quase total por mensagem de texto, diante da necessidade de isolamento posta em prática na época das entrevistas devido à pandemia da Covid-19.

A escolha dos informantes foi pensada com o intuito de apresentarem pessoas que vivenciaram a fase da infância no início da década de 2000, sendo esse o momento crucial de estudo para esta pesquisa, além de ter levado em consideração a diferença de faixa etária necessária de ser analisada, sendo essa de pessoas nascidas entre os anos de 1995 e 2002. O período em que a entrevista foi realizada foi de 22 a 25 de janeiro de 2022. Foi decidido ter somente cinco entrevistados, pois foi preferido que houvesse encontros de qualidade que trouxessem profundidade às análises.

Primeiro, procurou-se entender como os entrevistados viam seu período de infância pessoalmente falando, e com isso foi preciso analisar quais os tipos de memórias que tinham em relação a esse período da vida, antes mesmo de analisar sua relação com as roupas usadas em questão.

Como a estética estudada aqui, a Y2K, é a que caracteriza esse período na moda, buscou-se compreender quais dos entrevistados conheciam sobre ela, explicar sobre caso não a conhecessem, e então perguntar sobre o que foi mais característico para essa estética em relação à moda, em sua opinião. Através desses questionamentos foi então possível compreender como as pessoas entrevistadas enxergam essa fase da moda e o que é considerado tendência por elas para tal época.

Após captar sobre as memórias que os entrevistados têm em relação à sua infância, e o quanto essas memórias são únicas para cada um, foi preciso compreender sobre o quanto as

memórias estão correlacionadas com as roupas usadas por eles na época, e o quanto dessas mesmas memórias são do tipo afetiva quando se pensa nessas peças de roupa.

Com esse questionamento, foi possível fechar o ciclo de entendimento sobre as roupas, ou nesse caso, uma roupa em específico que foi possível marcar a infância dos entrevistados de maneira positiva, compreendendo a construção de personalidade e experiências que tiveram nesse período, de acordo com suas respostas.

Agora, torna-se possível analisar as respostas obtidas com a entrevista conforme a maneira que cada um teve de responder, compreendendo a individualidade de cada um de acordo com suas respostas.

Sobre a primeira questão, a qual investigou sobre as memórias que vem à mente dos entrevistados em relação à cada infância em particular desses indivíduos, a primeira entrevistada fala que se lembra de ter sido uma criança que “cresceu em frente da televisão.” Como, de acordo com ela, a tecnologia da época não possibilitava as mesmas ações de hoje, ela acredita que o contato com a televisão da época trouxe um impacto em seus gostos e, possivelmente, na pessoa que é hoje. Além disso, a entrevistada pontua que, “em termos gerais, lembra que as coisas eram mais simples, eram mais leves do que hoje vivenciando como adulta”:

Dessa época, eu lembro de que eu fui uma criança que cresceu na frente da televisão. A internet ainda estava “engatinhando”, não era o que é hoje, então a televisão era o nosso meio de contato com o mundo, por exemplo. De certa forma, teve um impacto nos meus gostos ou talvez na pessoa que eu sou hoje, porque eu trouxe isso comigo da minha infância. Por exemplo, eu gosto muito de cinema e eu aprendi a gostar desde muito cedo porque eu assistia a Sessão da Tarde quando eu chegava da escola e passava uns [filmes] clássicos dos anos 70, 80 ou do começo dos anos 90 e existem filmes desse tempo de infância que eu gosto até hoje. Mas assim, em termos gerais, eu lembro que as coisas eram mais simples, eram mais leves do que hoje vivenciando como adulta. Parece que eu não tenho tempo pra nada ou não tenho tempo pra fazer as coisas que eu quero porque você faz um milhão de coisas no dia, e quando você é criança você só tem responsabilidade de ser criança, então eu acho que isso faz um pouco de falta (Maria, 26 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 22 de janeiro de 2022).

Isso permite que haja uma conexão entre a fala de Maria com a de Kuhlmann Junior (2007), quando este menciona sobre a necessidade de conhecer as representações da infância e considerar as crianças concretas, tornando possível localizá-las em suas relações sociais etc., além de reconhecê-las como seres capazes de produzirem história. Visto que a entrevistada alega que muito do que consumiu em termos midiáticos enquanto crescia possivelmente lhe moldou como a pessoa que é hoje, isso passa a ser parte da sua história de vida, tornando-a capaz de realizar uma autoanálise diante do que costumava fazer enquanto criança, algo que se torna memória para a versão adulta que é hoje.

Passando para os outros entrevistados, outros elementos apareceram, através dos quais foi possível compreender as diferenças e semelhanças entre as infâncias aqui apresentadas de acordo com suas visões. Conforme algumas respostas, como a de Kaio e Giovana, muitas das memórias que têm de seus períodos infantis apresentam relatos que se relacionam com a escola.

Eu me recordo de diversas memórias, como por exemplo momentos de lazer que tive com minha mãe, momentos vividos na escola, entre outras (Kaio, 20 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistado no dia 23 de janeiro de 2022).

Clipes [de música] da *MTV*, revistas da *Capricho*, *RBD* [“Rebelde”, novela mexicana], música pop dos anos 2000 e rock/emo, *Mean Girls* [“Meninas Malvadas”, filme estadunidense], *Patricinhas de Beverly Hills* [filme estadunidense]. (Caroline., 20 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Minha mãe me arrumando pra ir pra escola, brincar com meus amigos do prédio e do colégio de esconde-esconde, bandeira etc., ficar assistindo filme até mais tarde com meus irmãos (Giovana, 19 anos, estudante de Direito na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

É possível ver a diferença e a maneira como cada entrevistado enxergou a sua própria fase de infância, porém todas foram vivenciadas em um mesmo período. A escola é um local mencionado em diferentes respostas, demonstrando a importância que esse ambiente tem para as crianças, afinal, nesse período da vida elas estão geralmente inseridas em dois locais específicos, como o lar familiar e o ambiente escolar que frequentam. As falas que mencionam a escola, como a de Kaio e Giovana, podem se relacionar com a fala de Peloso (2013, p. 24954), quando a autora afirma que houve uma mudança na concepção da infância na modernidade, visto que os pais começaram a se preocupar com a educação dos menores e a proporcionarem uma espécie de mundo próprio e específico para essa etapa da vida.

Ao passar para a segunda pergunta, a qual procurou entender como os entrevistados conheciam a estética em questão e relacionam a moda da época com determinadas peças de roupa, a maioria afirmou conhecer a estética e citou exemplos de peças de roupa que os lembram dessa época, como a calça de cintura baixa, geralmente vista como um símbolo que faz as pessoas mais reconhecerem a moda do início dos anos 2000.

Conheço. Talvez porque eu tenha vivido essa estética e também porque a gente vê hoje esse resgate no período de pandemia, do TikTok, o pessoal resgatando as coisas. Particularmente, eu acho que hoje tem umas coisas que eu não usaria dessa estética. Na época em que eu realmente vivi os anos 2000, quando eu era criança, a gente usava porque era da moda, né? Mas hoje, fazendo esse resgate, eu acho que não usaria, por exemplo, a calça de cintura baixa nem que você me pagasse um milhão de reais. Mas existem outras que eu usaria, por exemplo, os acessórios de miçanga que eu acho muito bonitinho, inclusive uso, as maquiagens mais vibrantes... (Maria, 26 anos,

estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 22 de janeiro de 2022).

Sim. A calça de cintura baixa (Marina., 22 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Conheço sim. Eu penso [em relação às roupas referentes à estética Y2K] em uns tops, bandana, calça, cintura baixa e piercing no umbigo. Lembro mais dessas peças femininas porque eu cresci rodeado de mulher em casa, (como) minha mãe e minhas primas. Nesse caso, [escolho] top ou bandana [como característicos da estética] (Kaio, 20 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistado no dia 23 de janeiro de 2022).

Sim! Estética de “milhões!” [gíria]. Eu amei que voltou pro *mainstream* [convencional] nesses últimos anos, mas na minha opinião acho que principalmente na parte de moda essa estética já tá saturando, não acho que seja algo de errado com a estética em si, mas sim na forma que as pessoas usam [essa estética]. Acho que por conta do TikTok e da Shein as pessoas estão simplesmente replicando os looks que aparecem nas redes sociais e acaba [tendo] muita gente se vestindo exatamente iguais umas às outras, sem identidade nenhuma. Acho que jeans de cintura baixa seria a resposta [para a peça que mais caracteriza a estética]. (Caroline, 20 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Não, nunca ouvi falar. [Foi explicado sobre a estética e somente então feita a pergunta sobre o que mais a caracteriza em relação às roupas]. Por mim é bermuda então, tipo aqueles calções que a escola fazia a gente usar no ensino fundamental (Giovana, 19 anos, estudante de Direito na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Mesmo não sendo uma pergunta com teor pessoal que buscasse compreender algo mais relativo e individual de cada entrevistado, diversos itens de roupa foram mencionados como respostas para essa pergunta, tendo até mesmo vezes em que, de certa forma, houve críticas à estética abordada em relação ao que era considerado moda, ou simplesmente tendência de moda, para a época.

A abordagem que duas das entrevistadas, Maria e Caroline, fizeram em relação ao papel das redes sociais e até mesmo de grandes empresas de moda como a Shein⁴, apresentam semelhanças, visto que nas duas falas é possível fazer uma ligação entre assuntos como a difusão de tendências que, através da influência de grandes empresas de moda *fast fashion*⁵, assim como das mais famosas redes sociais do momento, resgatam, como menciona Maria, uma moda do passado.

No entanto, mesmo que possa ser visto por certas pessoas como algo interessante, opiniões como as de Caroline, que menciona que de repente todos estão se vestindo de uma

⁴ Varejista eletrônica global de moda e estilo de vida.

⁵ Fenômeno de “produção rápida, compacta e contínua de novas coleções de roupas em um curto período de tempo, envolvendo alta circulação de mercadorias nas prateleiras” (Santos, 2017, p. 2).

mesma forma, “saturando a estética”, tornam-se comuns, visto que a escassez de individualidade na moda se torna uma problemática por parte de algumas pessoas.

Juntando as opiniões apresentadas nas respostas anteriores, especialmente as de Caroline e Maria, vale aqui mencionar o papel das mídias sociais na criação, ou nesse caso, resgate de tendências de moda. Visto que redes sociais como o TikTok foram citadas, vale destacar a conexão com a análise de Débora Nascimento, jornalista para o site Dicas Jornalismo Lab⁶, quando fala que após o rápido crescimento do mercado de influenciadores, as marcas acabaram se tornando veículos de produção de conteúdo e divulgação de moda, em busca de parcerias que alavancaram a relevância e autoridade de tendências de moda.

Sendo assim, tornou-se possível com que as mídias sociais ditassem, de certa forma, o que está na moda, da mesma forma como no passado meios de informação como a televisão, revistas e blogs de moda costumavam fazer com mais frequência.

São os sites, blogs e redes sociais temáticos (blogs de moda com abordagens diversas: street-style, coleções, consumo, tendências... e ainda os de assuntos correlatos, como beleza, comportamento etc.), que se revelam eficientes para noticiar a moda com instantaneidade, capacidade de conteúdo e espaços de interatividade com o leitor, nos quais aumentaram os números de acessos e os investimentos publicitários (HINERASKY, 2010, p.3).

No que se refere à terceira pergunta, a qual visava compreender sobre a possível existência de memórias de teor afetivo relacionadas às roupas da infância vivida na época aqui analisada, obteve-se respostas como a de Maria, quando menciona que acredita ser possível desenvolver relações afetivas com as roupas que uma pessoa usa, levando em consideração, também, a época em que as roupas são usadas.

Eu acho que sim. Eu nunca parei pra pensar nisso, mas eu acho que você desenvolve uma relação de afetividade com a roupa que você usa, na época em que você usa. Eu lembro de peças que eu usava [na infância] com mais frequência, que pareciam que elas iam andar sozinhas [de tanto usar] né?! Então eu acho que sim, de certa forma você se conecta com aquilo que você veste porque o que você veste é parte de você, você quer expressar alguma coisa, ou porque você quer usar a coisa da moda então você quer aquele sentimento de pertencimento, então eu acho que sim. Eu lembro que eu tinha afetividade sim com as minhas roupas [de infância] mas a roupa é aquela coisa né? A gente quer que ela dure pra sempre, mas os gostos mudam, nosso estilo muda, a mentalidade... então elas meio que evoluem junto com a gente, mas eu acho que a afetividade sempre tá envolvida (Maria, 26 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 22 de janeiro de 2022).

Com certeza, tenho muitas lembranças das roupas que vestia. A famosa sandália da Xuxa, as meias ¾ de listras coloridas da Rouge, os cabelos penteados em coquinhos em ligas coloridas me trazem muita nostalgia. Sempre andava combinando com minha

⁶ **O impacto das redes sociais na moda e a influência no consumo. Débora Nascimento.** Dicas Jornalismo Lab, 2021. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/9288/o-impacto-das-redes-sociais-na-moda-e-a-influencia-no-consumo>. Acessado por último em: 04 de abril de 2023.

prima, a sandália da Xuxa era o auge e a gente amava (Marina., 22 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Acredito que sim, a infância acaba sendo um período bem longo na minha percepção, e com esse tempo recorro vagamente de algumas peças que lembro com carinho, que atualmente não as tenho mais e mesmo se tivesse não me serviriam, porém guardo na lembrança com carinho algumas peças que me recordo (Kaio, 20 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistado no dia 23 de janeiro de 2022).

Sim! [Lembro que] muitas das coisas que eu via em revistas ou em artistas sempre influenciaram meu estilo (Caroline, 20 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Sim, muito! Sempre usava as mesmas fivelinhas pra prender meu cabelo, tem umas que eu guardo até hoje. A mesma coisa com roupas, tem memórias que eu não lembro exatamente o que tá acontecendo, mas lembro da roupa que eu usava e na época eu era muito apegada a elas, e hoje quando lembro ou vejo fotos fico feliz/um pouco nostálgica lembrando (Giovana, 19 anos, estudante de Direito na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Considerando a resposta de Maria quando ela fala que “[...] de certa forma, você se conecta com aquilo que você veste porque o que você veste é parte de você, você quer expressar alguma coisa, ou porque você quer usar a coisa da moda então você quer aquele sentimento de pertencimento, [...]”, é possível conectar essa opinião com o discurso de Stallybrass (1998) quando o autor menciona sobre o fato de as roupas serem responsáveis por memórias devido ao cheiro, ao suor, a forma e assim por diante. Pode-se, ainda, fazer uma ligação com a narrativa de Santos (2017), quando a autora pontua que “mais que adquirir a nossa forma, o nosso cheiro, as roupas podem vir a ser parte da nossa imagem, ou mesmo uma parte de nós no imaginário dos que nos cercam.”

Conectando todas essas falas, é possível notar que a roupa expressa mais probabilidades do que somente a tendência diante da possibilidade que ela dá à pessoa que a veste aspectos que lhe identificam, que em outros momentos, despertam suas memórias.

Diante das respostas obtidas para essa pergunta, pode-se constatar que há uma finalidade dada às memórias afetivas em relação às roupas que os entrevistados usaram no período da infância. Como Giovana menciona, existe a capacidade de esquecer o que realmente estava acontecendo em uma lembrança que se tem de um período distante, como é o caso da infância, mas por vezes também é possível recordar sobre o que estava vestindo no exato momento relacionado à memória em questão.

Como Stallybrass (1998) menciona em sua obra *O Casaco de Marx*, pensar sobre roupas é também pensar sobre memórias. Diante da necessidade tida neste trabalho de analisar as memórias afetivas criadas no período de infância, vivida em específico no início da década de

2000, com a intenção de melhor compreender o fenômeno de afetividade que é possível desenvolver com aquilo que se veste e o quanto isso é capaz de afetar os seres humanos conforme passam pela fase de crescimento e, conseqüentemente, se desfazem da utilização dessas roupas, o objetivo específico de compreender a relação entre moda e memória desta pesquisa é alcançado graças às respostas anteriores.

Em seguida, discutiu-se sobre a existência de alguma peça de roupa que tenha marcado mais os entrevistados de maneira afetiva, compreendendo o que tal vestimenta pode representar para eles até hoje.

Eu lembro de que eu tinha uma calça jeans de cintura baixíssima, ela tinha uns bordados de borboleta, um na frente e outro atrás [da calça], no bolso traseiro, e eu lembro de que essa, por muito tempo, foi minha peça [de roupa] favorita porque eu achava que ela combinava com tudo. Ela tinha uma lavagem meio clara, eu acho que ela estava nos primórdios da calça *skinny*, entre o reto e o *skinny*, e ela só faltava andar sozinha [de tanto utilizar], minha mãe detestava essa calça. Ela ficou aqui na minha casa durante um período muito grande, não vou saber precisar [o tempo] mas eu tenho recordações de que ela ficou durante muito tempo. Eu acho que foi a peça de roupa que mais durou nas minhas coisas que eu não passei pra frente, até que eu realmente passei. Acho que quando a moda da cintura alta surgiu e você meio que percebe que a cintura baixa não é um negócio que valoriza, principalmente se você for uma mulher de estatura baixa, então eu acho que meio que evolui dela [calça de cintura baixa]. (Maria, 26 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 22 de janeiro de 2022).

O período mais marcante em relação ao vestuário da minha infância é por volta dos anos 2008 a 2010. Lembro muito de uma foto em que eu estou de minissaia jeans, blusinha azul bebê, estampada com letras brilhantes, de um ombro só, uma meia $\frac{3}{4}$ de listras coloridas e a bendita sandália da Xuxa. Essa roupa representa pra mim a liberdade e a criatividade que eram incentivadas quando criança (Marina., 22 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Acredite ou não, acho que uma roupa que marcou de longe assim minha infância foram realmente as fardas de escola que usei durante muitos anos, que marcam períodos, vivências e também marca pra mim as escolas por onde passei e estudei, e ainda tenho as blusas de semana cultural e jogos interclasses, junto das medalhas ali obtidas. [Tenho] boas lembranças desses momentos ali vividos, claro que houve [momentos] ruins, mas guardo os melhores comigo (Kaio, 20 anos, estudante de Design-Moda na Universidade Federal do Ceará, entrevistado no dia 23 de janeiro de 2022).

Até hoje gosto de usar tênis *chunky*, *all star*, blusas mais curtas e calças com modelagem mais larga. Acho que essas peças me dão nostalgia e são mais confortáveis. [Na infância] eu amava uma saia jeans que eu tinha (Caroline, 20 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

Um vestido rosa que eu usei pra uma festa de Dia dos Pais organizada pelo colégio. Tenho muitas fotos desse dia junto com meu pai e acho que por isso ficou tão marcado pra mim, pois me lembra da minha infância e de um momento que meu pai, que sempre era muito ocupado e passava o dia fora trabalhando, tirou um momento pra ficar só comigo e nos divertimos com as atividades da festa. Quando lembro do vestido me passa uma sensação de acolhimento, felicidade e carinho (Giovana, 19

anos, estudante de Direito na Universidade de Fortaleza, entrevistada no dia 23 de janeiro de 2022).

De acordo com as respostas obtidas, tem-se uma ideia sobre a chance de uma roupa ter um valor simbólico sobre a memória afetiva de alguém, ainda mais em um momento único como a fase infantil da vida. Poder recordar de uma peça de roupa, ou de uma vestimenta completa pela qual você consegue perceber ter tido sentimentos de afetividade e carinho durante uma fase da sua vida demonstra a importância que a moda, em conjunto com questões da psicologia, tem para a construção de um indivíduo.

É possível analisar o poder da memória afetiva quando relacionada às roupas que já foram usadas em um determinado tempo ao considerar as respostas de Kaio e Giovana. Quando o entrevistado fala sobre a questão do uso da farda escolar da época da infância, isso não é caracterizado como uma peça de roupa que faça parte das tendências de moda, muito menos da estética Y2K.

No entanto, torna-se cabível analisar sua fala visto que Kaio compartilha as vivências que teve nesse período em questão com o uso das fardas, a qual serve como a roupa que lhe conecta às memórias afetivas da infância por justamente ser a vestimenta que cobriu seu corpo na época. Isso prova que, mesmo diante de memórias ruins que não trazem sentimentos afetivos em sua vida, o jovem segue acreditando que essas fardas marcam períodos, vivências e as próprias escolas nas quais estudou, e escolhe levar consigo somente os bons momentos que representam esse período graças a esses fardamentos.

Giovana, porém, apresenta um exemplo de roupa que mais lhe marcou enquanto criança e conta sobre o momento que acompanha essa lembrança ao mencionar um vestido que usou para uma festa de Dia dos Pais na escola. Quando a entrevistada menciona o fato de que seu pai pôde presenciar esse momento mesmo diante da rotina ocupada, essa memória remete “acolhimento, felicidade e carinho”, de acordo com a jovem. Portanto, esse vestido passa a ser um símbolo afetivo, capaz de significar um momento especial em sua vida mesmo depois de muitos anos.

Foi possível, então, visualizar a possibilidade de se ter memórias afetivas de acordo com o que as instiga a existirem. Visto que neste trabalho o foco dado foi na responsabilidade da roupa usada na infância de conectar as pessoas com o seu passado de acordo com as memórias afetivas, cabe aqui mencionar a fala de Carvalho (2012, p. 18) quando diz que “ao pensar memória afetiva, não se trata apenas do que me lembro, mas também dos motivos que me fazem lembrar. É a memória carregada de sentimentos.”

De acordo com essa fala e o objeto de análise deste trabalho, a memória afetiva carregada de sentimentos em torno de determinados momentos que fazem parte da vida, pode ser influenciada pela presença da roupa nesses mesmos momentos. Sendo assim, assimila-se a vestimenta com esses acontecimentos, e a memória carregada de afeto se torna capaz de se estender para além do momento em si, mas também para determinados elementos que compuseram a ocasião, como é o caso da roupa.

Logo, pode-se dizer que as falas revelaram que há uma busca por compreender a relação entre moda e memória, e o entendimento sobre a relação entre memória afetiva causada pelas roupas do início dos anos 2000 e os jovens que as vestiram em sua infância. Além desses assuntos, percebe-se o porquê de as memórias em relação às roupas desse período serem levadas em consideração pelos jovens dos dias de hoje, e até mesmo como isso influencia na forma como enxergam as tendências de moda de hoje, além da verificação de quais são os sentimentos mais relacionados às roupas por tais jovens.

A análise realizada mostrou a individualidade de cada entrevistado, mas certas opiniões se repetiram em relação à determinadas perguntas. Por exemplo, quando foi questionado sobre a forma como enxergam a moda do início da década de 2000. Isso comprova que os cinco entrevistados terem vivenciado um mesmo período de vida - a infância - mesmo que com certa diferença de idade entre uns e outros, acaba por ser um fator influenciador sobre suas visões em relação à moda da época em questão.

Sendo assim, foi possível constatar através das entrevistas realizadas que as memórias de cada um em relação ao que vestiam em sua infância geralmente são relacionadas a bons momentos, à uma época da vida em que a vivência era mais simples, não havia responsabilidades, por assim dizer. Visto que o que essas memórias são capazes de representar sobre cada indivíduo pode dizer muito sobre quem são e como se portam na sociedade como adultos. É cabível que mais análises sejam feitas futuramente em relação à temática abordada neste trabalho, podendo considerar mais pessoas para uma pesquisa de campo ainda mais abrangente.

Como visto anteriormente, de acordo com Ferreira e Almeida (2021), as roupas servem como demarcação de memória. Sendo assim, neste trabalho, essa demarcação de memória é compreendida por meio do conhecimento sobre as roupas que foram usadas no tempo sendo analisado, tornando-se possível alcançar um entendimento sobre a relação entre a moda e os campos psicológico e sociológico devido ao papel que as memórias de tipo afetivo têm sobre as pessoas entrevistadas.

6 CONCLUSÃO

A memória é uma junção de lembranças do que já fez parte do presente e hoje é passado. Tudo aquilo que já aconteceu e que permanece na mente humana como uma recordação, seja positiva ou negativa, é memória. Acontecimentos que perduram na vida por meio do ato de lembrar se tornam memórias, as quais permanecem vivas na mente de cada indivíduo mesmo muito tempo depois de quando realmente aconteceram. Há uma junção entre tempos presente e passado quando se analisa uma memória, visto que existe uma certa possibilidade de se transportar mentalmente para o momento em que aquele acontecimento que faz parte de determinada memória aconteceu.

Pensando em momentos específicos do passado que vêm à tona quando se fala sobre memória, analisa-se a infância, a qual tem sido estudada há vários séculos diante da curiosidade da humanidade por compreender melhor sua formação até a fase adulta, partindo de seus primeiros anos de vida. Sendo assim, caracteriza-se como infância uma das primeiras fases da vida, a qual abre espaço para o aprendizado inicial do ser humano desde os ensinamentos que se têm no lar, até os que se obtêm no ambiente escolar.

Certamente, as realidades são diversas quando se fala sobre infância, visto que as pessoas apresentam experiências diferentes como indivíduos, até mesmo enquanto estão crescendo. No entanto, vê-se a infância, em resumo, como um momento de experimento, aprendizado, liberdade e criatividade.

É certo que a infância, mesmo que considerada aqui como um momento livre, ainda é, de certo modo, controlada pelo adulto e sua visão da infância. A criança, como um ser menor de idade de acordo com as leis, ainda não apresenta responsabilidades da vida adulta. No entanto, é por isso mesmo que se considera aqui a criança como um ser livre, capaz de experimentar e aprender sobre o mundo e si mesma como participante da sociedade conforme cresce, idealmente sem julgamentos de outras pessoas.

Passando, então, para uma análise sobre os diversos conceitos de moda e estética do início dos anos 2000, entende-se que a moda se baseia em repetições de costumes, seja ela de estilos, estética, elementos, tendências, dentre outros. Quando determinadas peças de roupa se repetem na sociedade, tende-se a considerar que tais roupas estão na moda. Porém, o entendimento sobre estética de moda tido nesta pesquisa se resume em uma análise sobre os retornos estéticos que geralmente acontecem no mundo da moda.

Esses aqui chamados retornos estéticos quase sempre voltam ao mundo *fashion* como tendência dez ou vinte anos após seus surgimentos. A ciclicidade da moda, assunto muitas vezes

atrelado a esses retornos nos estudos sobre o tema, costuma ser analisada com o intuito de melhor compreender o porquê isso continua acontecendo. Mesmo diante de tantas novidades, a sociedade ainda se apega às antigas estéticas da moda e, por vezes, voltam a inserir elementos de determinada época em seus guarda-roupas.

Todo esse movimento de retorno de estéticas no mundo da moda serviu para analisar muito além da volta de vestimentas dos anos 2000 nas prateleiras de lojas de roupas atualmente, mas também abriu espaço para se discutir sobre a possível relação entre roupa e memória afetiva.

A memória afetiva, partindo do entendimento sobre memória em si, se relaciona com as lembranças pelas quais se tem afeto, as que, de certo modo, nunca são esquecidas por motivos que diferem entre si e são específicos para cada pessoa. Foi possível analisar durante este estudo a questão entre a memória afetiva e a infância como fase de vida específica, tornando-se ainda mais precisa em relação à época que foi tomada como recorte para a pesquisa: o início da década de 2000.

Entende-se a relação que as roupas têm com as memórias como um dos artificios que se tem para se aproximar de tais lembranças de maneira afetiva, permitindo que determinados momentos da vida durem mais do que o previsto de acordo com o quanto se é capaz de se apegar a eles. Sempre haverá peças de roupa que, mesmo não sendo mais capazes de vestir determinado corpo, ainda hão de permanecer na mente de maneira afetiva, podendo até mesmo influenciar como a pessoa se veste conforme muda e envelhece, ou sendo capazes de moldar sua personalidade.

Juntando todos esses assuntos, partindo desde a memória afetiva em relação à infância e chegando na análise sobre moda e estética dos anos 2000, este trabalho analisou a relação entre moda e memória de acordo com as opiniões de autores, mas também com a capacidade dos jovens aqui entrevistados de enxergar suas roupas da infância como conectores entre o passado e o presente de maneira afetiva. Foi, então, possível compreender como as lembranças contribuem para a união entre a juventude de hoje com as roupas que usaram na infância.

Mesmo que alguns dos jovens que responderam à pesquisa realizada para este estudo tenham demonstrado não se identificar mais com a estética estudada aqui, ainda compreendem que as roupas da época analisada, atuando como tendências de moda daquele período, fizeram

parte não somente de seus guarda-roupas, mas também das pessoas que são hoje, visto que todo aquele universo de estilo faz parte também de suas histórias pessoais.

Visto isso, muitos dos jovens confirmaram terem sido influenciados pelo que assistiam na época, se vestindo de maneira semelhante ao que se era mostrado como tendência por meio do que figuras famosas do momento estavam vestindo. Hoje, influenciadores digitais têm resgatado essa estética de volta e influenciado como os jovens se vestem, até mesmo adolescentes que não tinham nascido quando a tendência Y2K realmente apareceu no mundo da moda.

Isso certamente serviu para compreender a conexão entre os jovens e suas vestimentas infantis de acordo com a memória afetiva. Mais do que entender o papel exercido pela roupa nessa conexão entre moda e memória afetiva, a pesquisa serviu para compreender alcançar um entendimento em relação às individualidades que constroem o ser humano e a sociedade em si, diante do que se veste.

Portanto, foi possível compreender como as roupas são capazes de exercer funções conectivas com um espaço-tempo. Mesmo que o início dos anos 2000 tenha acontecido há mais de vinte anos, e apesar de a infância ser um período que já passou para os jovens de hoje, a memória afetiva, em junção às vestimentas da época e conforme à estética daquele momento, permite que as lembranças vivam por mais tempo, assim como as próprias roupas usadas naquele período.

Independentemente de como são adquiridas as peças de roupas, a partir do momento em que são vestidas, fazem com que haja uma conexão entre o indivíduo e a vestimenta, ligando o sujeito com as roupas de maneira em que elas passam a fazer parte daquele dia, mês, ano, e em especial, momento. Diante da possibilidade que as peças de roupas dão à humanidade de construir uma conexão com o momento em que as vestem, passam a conferir aspectos que também identificam os indivíduos, os quais em outros momentos, muito tempo mais tarde, são capazes de despertar suas memórias.

Todavia, ainda falta obter um campo de pesquisa científica que se debruce mais nas discussões sobre memória afetiva e moda, além da conexão entre esses temas e a infância, sendo esta vivenciada em diversos momentos diferentes de acordo com que época se estuda. Diante disso, cabe examinar as discussões sobre os temas aqui trabalhados, mas se ressalta que nem tudo pôde ser observado.

Portanto, conclui-se que permanece havendo uma abertura para novas pesquisas serem realizadas no meio acadêmico da Moda, juntamente com a Sociologia e Psicologia, com o

intuito de dar continuidade às descobertas aqui feitas. A memória só se mantém viva conforme é recordada, e a recordação só é possível de ser feita por meio dos artifícios que estão ao alcance de cada indivíduo. A roupa é, então, esse artifício presente na história de cada pessoa.

REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário De Metodologia Científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. 2ed. Campos Elíseos: Atlas, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BALDINI, Massimo. **A Invenção da Moda**: as teorias, os estilistas, a história. Lisboa: Edições 70, 2006.
- BARBOSA, Analedy. **A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância**, Examãpaku - Revista Eletrônica de Ciências, História e Relações Internacionais, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, v. 1, n. 1, 2008.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BORTOLON, Flavia. A moda e a morte: ciclos de tendências. **ModaPalavra**. Paraná, v. 10, n. 19, p. 98-116, jan.-jun. 2017.
- CALDEIRA, Laura. **O Conceito de Infância no decorrer da História**, Montes Claros: [s.n], 2008.
- CARLOMAGNO, Márcio. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo. Uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, vol. 7, n. 1, p. (173 a 188), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- CARVALHAL, André. **Moda com propósito**: manifesto pela grande virada, São Paulo: Paralela, 2016.
- CARVALHO, Simone. **Memória afetiva e fonte de informação**: um estudo de caso das narrativas musicais de Teixeira. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Graduação em Biblioteconomia, Porto Alegre, 2012.
- DENZIN, Norman.; LINCOLN, Yonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- EDUCERE, nº XII, 2015, Paraná. **Juventude**: uma categoria sócio-histórica. Goiânia: [s.n], 2012.
- EDUCERE, nº XI, 2013, Paraná. **Infância e Crianças**: contribuições da teoria histórico-cultural de Vigotsky para compreender a criança como sujeito histórico e social. São Carlos: [s.n], 2013.
- ESCUDEIRO, Cristiane. **O Desenvolvimento da Memória na Educação Infantil**: contribuições da Psicologia histórico cultural para o ensino de crianças de 4 e 5 anos. Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

GOMES, Nelson Pinheiro; LOPES, Maria Ana Vieira; ALVES, Paulo Emanuel. Coolhunting e estudos de tendências aplicados à moda: modelo de segmentação estratégica. **ModaPalavra**, Santa Catarina: Universidade Estadual de Santa Catarina, n. 17, p. 5-26, 2016.

HINERASKY, Daniela Aline. Jornalismo de moda no Brasil: da especialização à moda dos blogs. In: COLÓQUIO DE MODA, nº 6, 2010, São Paulo. **Anais [...]**, Santa Maria: Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda, 2010, p. 1-16.

PEREIRA, Lucas Vantier Alves. **Tendências socioculturais e a reutilização de conteúdos estéticos da Era Y2K na moda contemporânea**. 53 f. Monografia (Graduação em Design-Moda)-Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

POMIAN, K. Memória. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, Sistemática, v. 42, p. 507-516, 2000.

RONCCA, Fabricio. O poder da memória afetiva no design. Fabricio Roncca, Londrina, 20 de novembro de 2019. Disponível em: <http://roncca.com.br/pt/blog/o-poder-da-memoria-afetiva-no-design/>. Acessado por último dia: 07 de dezembro de 2021.

FERNANDES, Renata; PARK, Margareth. Lembrar-Esquecer: trabalhando com as memórias infantis. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 39-59, jan./abr., 2006.

FERREIRA, D. J. L.; ALMEIDA CUNHA ARANTES, P. A moda como dispositivo da memória no espaço museológico. **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design, Florianópolis**, v. 5, n. 1, p. 212-226, 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOSKINS, Janet. **Biographical Objects: How Things Tell the Stories of People's Lives**. Hove: Psychology Press, 1998.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

KUHLMANN JUNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 4ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2006.

MAIA, Janaina. **Concepções de Criança, infância e educação dos professores de educação infantil**. Dissertação para Mestrado em Educação - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: Atlas, 1996.

MISCIAGNA, Mathilde. **Fantasia 2000: o que é a estética Y2K?** Vogue Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.vogue.pt/tendencia-y2k-o-que-e>. Acessado por último em: 07 de novembro de 2021.

NASCIMENTO, Débora. **O impacto das redes sociais na moda e a influência no consumo.** Dicas Jornalismo Lab, 2021. Disponível em: <https://labdicasjornalismo.com/noticia/9288/o-impacto-das-redes-sociais-na-moda-e-a-influencia-no-consumo>. Acessado por último em: 04 de abril de 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

SANTOS, Rafaelli. **Memórias Póstumas:** o simbolismo da roupa após a morte. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – II, ofertada pelo curso de Design - Moda, da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. Entre Fios e Desafios: Indústria da Moda, Linguagem e Trabalho Escravo na Sociedade Imperialista. *Relacult: Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, [s.l.], v. 3, p.1-15, dez. 2017. Mensal.

SARAT, Magda; CAMPOS, Miria. Memórias da Infância e da Educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 1257-1277, out./dez. 2017.

SILVEIRA, Laiana. Moda e Memória: a importância da vestimenta para a construção de memórias afetivas. **Achiote** - Revista eletrônica de moda, Belo Horizonte, v. 6, n° 1, p. 90 a 101, setembro, 2018.

SOUZA, Jhaína; SOBRINHO, Roberto; Herran, Wallace. Ressignificando os conceitos de criança e infância. **Revista Amazônica**, Manaus, Ano 02, n° 03, p. 113 –129, 2017.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

STEFANI, Patrícia. **Moda e Comunicação:** a indumentária como forma de expressão. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de graduação) - Curso de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, São Pedro, 2005.

VALERI, Julia. Retorno à estética dos anos 2000 supervaloriza a magreza: a volta da estética dos anos 2000, também conhecida como Y2K, é apontada por especialistas como política de tendências econômicas e perpetua magreza como padrão de beleza. **Jornal da USP**, São Paulo, junho, 2023.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- 1) QUANDO VOCÊ PENSA NO SEU PERÍODO DE INFÂNCIA, QUAIS MEMÓRIAS LHE VÊM À MENTE?**

- 2) VOCÊ CONHECE A ESTÉTICA Y2K? (SE SIM, PERGUNTAR SE DIANTE DAS ROUPAS USADAS NESSA ESTÉTICA, EXISTE ALGUMA PEÇA DE ROUPA QUE O ENTREVISTADO ACHE MAIS CARACTERÍSTICO DO INÍCIO DOS ANOS 2000. SE NÃO, EXPLICAR PRIMEIRO O QUE É ESSA ESTÉTICA).**

- 3) DIANTE DAS MEMÓRIAS QUE LHE SURGEM AO PENSAR NESSA FASE DA VIDA, VOCÊ SENTE QUE ELAS ESTÃO CONECTADAS DE FORMA AFETIVA (NO QUESITO DE TER CARINHO E BOAS LEMBRANÇAS) COM O QUE VOCÊ VESTIA NA ÉPOCA?**

- 4) QUAL ROUPA DO PERÍODO DA SUA INFÂNCIA MAIS LHE MARCOU ATÉ HOJE? O QUE ELA REPRESENTA PARA VOCÊ?**